

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*...alumia-vos
aponta-vos o ca
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
REDACÇÃO—Rua Guerra Junqueiro, 340—Porto
—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO POBO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

Formar alunos é gerar filhos

Israel Vingado

Um dos meritos dos nossos doutores, e não o menor—é o seu amor pelo estudo. Poder-se-hia escrever um volume sobre tudo o que eles disseram do livro, do ensino, do mestre, do aluno. *O simples de espirito*, o ignorante (am haarets) lhes é insuportavei. É porque o sabio egoista, que recusa fazer aproveitar os outros da sua sabedoria, lhes é tambem antipatico. (Sanhédrim 91 b.). Eles considerariam como um pecado grave a celebre frase de Fontenelle: «Se eu tivesse a mão cheia de verdades, tomaria cuidado em não a abrir.» —«Aquele que instrue o seu semelhante, observa o nosso Midrash, tem tanto mérito como aquele que tinha contribuido para o seu nascimento.» Por outras palavras, o mestre é uma especie de pai do aluno; se o segundo lhe dá a vida, o primeiro lhe ensina os meios e as razões para viver. Porque está escrito a proposito dos filhos Aaron: «Eis a posteridade de Aaron e de Moisés.»

Contudo Moisés não era senão o seu mestre! É que aparentemente a Biblia encara o mestre como o pai do aluno, quasi no mesmo titulo do pai autentico.

Rabbi Mathieu Wolff

CAPITULO IV

Onde se refutam alguns outros argumentos dos Doutores cristãos sobre as Profecias que respeltam á redenção de Israel.

Não ha talvez prova mais evidente da força dum argumento que quando se é obrigado a responder de várias maneiras, porque é claro que se não empregam tantas respostas diversas a-fim-de que no numero se encontre pelo menos uma que seja perentória. Contei no capitulo precedente varias explicações dos Doutores cristãos que segundo elles nos devem convencer de que estamos no erro referente à redenção de Israel e que elles tem compreendido melhor do que nós. Mas como o texto sagrado se opõe aos seus raciocinios, houve outros que se serviram doutras provas ou para melhor convencer ou porque acreditaram que aqueles que os seus predecessores tinham empregado não eram suficientes. Estes ultimos sustentam que a redenção que Deus prometeu aos filhos de Israel nos Numeros, no Denteronómio e nas revelações dos Profetas foi cumprida à letra no tempo dos Juizes e principalmente na volta do cativo da Babilónia, para a reedificação do Templo e da cidade santa.

Eis a sua resposta ordinária e aquela que eles se esforçam para acomodar e fazer concordar com as Profecias para nos provar que a promessa do Senhor está cumprida. Mas é preciso amar muito pouco a verdade e ligar muito pouca importancia à sua descoberta para não refutar uma resposta tão diametralmente oposta à palavra de Deus, os filhos de Israel não tendo experimentado à sua volta da Babilónia do que êle tinha tido a bondade de lhes prometer. Muito longe disso, no Denteronómio o Senhor promete-lhes que quando mesmo Israel estiver espalhado até ao fim do ceu, êle o reunirá e leva-lo-á à terra que seus pais herdaram, e em Isaias está dito que o Senhor voltará uma segunda vez a sua mão para o trazer da Assiria, do Egipto, da Etiopia, das Ilhas do mar, de todo o universo e dos quatro cantos da terra, que serão todos resgatados e reunidos num só; que aqueles que estiverem perdidos voltarão da Assiria. etc.

Jeremias diz que ele salvará a casa de Jacob e de Judá de todas as terras do seu cativo desde o sentença, o que não sucedeu no regresso da Babilônia, o numero, seguindo Esdras foi limitado a 42360. Os Douctores cristãos confessam que as dez tribus não voltaram. Judá, Levi, e Benjamin ficaram cativos e dispersos entre as nações na Média, na Persia, no Egipto, na Grécia e nas outras regiões. Eles tem sofrido ai males inacreditaveis. O numero dos escravos ai era infinito. Ptolomeu Filadelfo amigo dos Judeus resgatou um grande numero Não ha mais que ler Esdras e Nehémias para estar completamente convencido que os filhos de Israel não voltaram todos à herança de seus pais. Estes dois escritores ensinam-nos o pequeno numero daqueles que voltaram da Babilônia e todos os males que sofreram aqueles que ai ficaram retidos; se querem reportar-se aos autores profanos, José conta ezactamente todas as perseguições com que o povo de Israel foi alligido durante quatrocentos e trinta anos que durou a destruição do Santo Templo. Este povo infelizmente ficou disperso e errante por todo o mundo até ao presente e se se contar o que está espalhado, ver-se-á que é muito mais numeroso que aquele que saiu da Babilônia, e isto deve convencer os mais incrédulos que esta volta não pode ser tomada pela sombra da promessa de Deus; se fosse tão efectivo como os Douctores cristãos querem persuadi-lo, os filhos de Israel teriam sido geralmente reunidos das quatro partes do mundo até à morte do seu Messias; e para punição dum tão grande crime teriam sido destruidos sem que ficasse um só entre as nações. Neste caso a palavra de Deus verificar-se-ia para o que vê a sua inteira reunião, ainda que ela não o pudesse ser com respeito à sua inteira destruição que a sua bondade divina prometeu não executar.

Alguns comentadores cristãos pretendem provar que a redenção que Deus prometeu aos filhos de Israel teve já o seu efeito, pois que ele tem absolutamente dependido d'elles de voltar à herança de seus pais e de sair do seu cativo, os Reis da Caldea e da Persia tendo-lhes permitido voltar a Jerusalem, mas como muitos gostavam mais de ficar entre as nações do que ir gosar d'uma graça que Deus inspirou a estes Príncipes concederam-lhes, por inspiração de Deus. E' apenas, pois, ajuntaram elles, por o praser de se lamentar e de ficar na cegueira onde estão, que podem negar esta verdade, e pelo que diz respeito ao Messias Deus lho tem enviado também, mas obstinados em não o reconhecer, não saberão gosar das vantagens do seu advento. Assim a promessa de Deus é inteiramente cumprida e com respeito à redenção e à vinda do Messias. Se este argumento fôsse convincente, se estas razões fôsem sólidas não era de maneira alguma necessário que as promessas de Deus se cumprissem para verificar as Profecias, porque se os homens impedissem a execução, elas dependeriam mais por isso do efeito do seu capricho e da sua vontade do que dos decretos irrevogaveis do poder infinito do Senhor que nos assegura que o seu povo será resgatado como o foi no Egipto, donde ele saiu sem que lá ficasse um só, porque esta era a vontade do criador á qual a criatura não saberia resistir, e que não foi no poder de qualquer Israelita ficar neste reino. Se o regresso da Babilônia fôsse a redenção prometida, succederia outro tanto apesar da extravagância aquêles que tivessem preferido uma dura escravidão a uma feliz e completa liberdade. As disposições de Deus são tão justas e devem de tal modo produzir o seu pleno e inteiro efeito que toda a gente se teria sentido desta redenção completa como elle teria

feito daquela que elle tinha prometido ao Patriarca Abraam (que é com efeito cumprida com a saída do Egipto) e nenhum Israelita ficaria na Babilônia: os milagres são tão facéis para Deus na Persia como em qualquer outra região. O argumento dos comentadores são prova pois que o regresso da Babilônia seja o cumprimento da redenção prometida; é quando muito uma visita passageira que o Senhor teve a bondade de fazer ao seu povo para o consolar da aflicção que lhe causava o peso duma tão insuportável servidão e da necessidade em que estava de se abandonar a uma vergonhosa idolatria. A redenção que o Senhor nos promete pela boca dos seus Profetas deve ser mais perfeita que aquelas que nós sentimos á saída do Egipto, ela será tão surpreendente que se não dirá mais, viva o Senhor que retirou o seu povo do Egipto, mas que o resgatou e retirou dentre as nações. Não é senão para dar ao seu povo o tempo de se arrepender dos pecados que tinha cometido que elle prometeu reedificar a Cidade Santa, e de construir um segundo templo para ver se no espaço de quatro centos e trinta anos abandonaria enfim o vício em que estava mergulhado, a-fim-de merecer a mesericórdia do Senhor e de obter a redenção universal. Mas este povo rebelde continuando a viver na desordem tanto em Jerusalem como nos outros lugares onde tinha ficado cativo, o Senhor cheio duma justa cólera irritou-se contra elle, destruiu por uma segunda vez as suas cidades e os seus templos e tem-no ainda mais espalhado do que estava antes para mostrar ás nações o seu poder e o efeito miraculoso da redenção que lhes prometeu e de que os Profecias estão cheias, e tambem a vontade dos homens não seja constrangida nem necessitada, ela está sempre submetida aos decretos irrevogaveis e infaliveis do Senhor.

Israel sentiu demasiado que a visita que Deus lhe fez á Babilônia não era esta redenção universal que lhe foi prometida. Todos os males que sofreu no seu regresso a Jerusalem convenceram-no bastante. E' por esta razão que muitos dentre os judeus quiseram antes ficar na escravidão. Os Profetas não os tem censurado. Eles sabiam que o tempo onde o seu cativo devia acabar não tinha chegado ainda. Como se pode acomodar ao regresso da Babilônia a santificação que Deus promete aos filhos de Israel quando os resgatar, pois que o sinal mais evidente e o mais sólido desta redenção consiste na circuncisão dos corações, no amor que elles e a sua posteridade tiverem para o seu redentor e na justificação de todo o povo: é um facto que o Senhor fez com elle pelo qual lhes assegura que não se separará jamais d'ele, que os encherá dos seus bens e gravará nos seus corações um respeito e uma veneração tão profunda que não o abandonarão jamais, e que o servirão com um zelo, digno da bondade que teve para elles, as nações seguirão-o e serão testemunha de todas as graças com que o Senhor os deve encher. Os filhos de Israel sairão da Babilônia de tal modo manchados de pecados que se não saberia attribuir á sua saída esta suprema felicidade. Obstinados nos seus crimes, no olvido da lei divina, calcados aos pés os preceitos e os mandamentos que Moisés lhes tinha deixado, podiam elles estar num estado capaz de gosar de toda a felicidade que lhes era annunciada. A situação em que se encontrava então o povo é distintamente notado nesta oração tão delicada que nós lêmos em Esdras: «sens pecados, diz este santo homem, excedem os de seus pais: elles trabalharão na colheita dos seus vinhos e dos seus óleos no sagrado dia do Shabbath; os Padres do Senhor se casaram com mulheres gentias ainda que a sua pureza devesse servir de exemplo ao povo que conduziam»

profanaram a sua dignidade que era sagrada desde Abraão o primeiro da sua raça. • Enfim os seus pecados eram tão grandes que um autor cristão diz que Deus tem sempre o chicote levantado sobre Israel, que ele o puniu sempre da sua cólera desde que saiu da Babilónia até que o Imperador Titus o destruiu enfim. José conta as inimizades, os assassinatos, os furtos e os incestos que os filhos de Israel cometeram enquanto que possuíram o 2.º Templo; um Soberano sacrificador imolava seu irmão neste edificio sagrado, um outro vendia a dignidade sacrificador, um outro afogava-se em vinho, o Soberano Pontifice e todos solemnisavam as maiores festas esganando-se uns aos outros no Templo. Eis ali a temor de Deus, eis ali a santidade que trouxeram da Babilónia. Endurecidos no seu crime obrigaram o Senhor a ressuscitar-lhes os Romanos para os destruir, como Moisés lhes tinha prometido no Denteronómio. Que os autores cristãos digam-se são êstes os efeitos da redenção prometida na lei e nas Profecias.

A terceira circunstância da redenção que se vão saberia aplicar à volta da Babilónia, é que os filhos de Israel devem morar perpétuamente na terra Santa onde Deus lhes prometeu um repouso e uma tranquillidade de que não gosaram desde o seu primeiro cativo. Ele retirará das suas mãos o vaso da sua colera para o fazer beber ás nações as quais êles dormirão eternamente e serão cheios de glória do Senhor, sua sabedoria, os seus bons habitos, da exacta observação de todos os seus divinos preceitos não produzirão somente o perdão mas o esquecimento dos seus pecados e de todos os seus crimes, e segundo a Profecia de Zacarias subirão todos os anos para se humilhar deante do Senhor dos exercitos e para a festa dos Tabernaculos.

O regresso da Babilónia produziu efeitos completamente contrários: apenas Ciro lhes permitiu edificar o Templo logo o seu filho Cambises revogou a ordem e proibiu-lhes esta defesa produziu funestos efeitos: os Arabes e as outras nações visinhas aproveitaram a ocasião para a permissão de edificar o Templo, dois jovens judeus que saíram de Jerusalem encontraram este Profeta e lhe disseram que os males e as misérias que sofreram eram insupportáveis e os obrigavam à fuga que se não podia exagerar suficientemente os tormentos que os Israelitas suportavam, que se tinham queimado as portas da sua cidade, derrubadas as muralhas, e que os levavam todos os dias cativos. Os Reis da Persia e da Caldea de que eles foram subditos na fuga trataram-nos como escravos, até que Alexandre o grande lhes restituiu a sua liberdade por intermédio do grande sacrificador Judus que lançando-se a seus pés teve a satisfação de obter o poderem viver com mais repouso.

Os Gregos continuaram a persegui-los, furtaram-lhes a cidade de Jerusalem, profanaram o Templo e proibiram sob a pena de morte o exercicio da sua religião. Durante o reinado de Antiocho os bravos Machabeos livraram-os em parte dum jugo tão pesado deixando-os no entanto sujeitos a diversos Principes até que os romanos os tomaram sob a sua protecção, para os entregar na continuação tributária é enfim para os destruir e lhes fazer experimentar todas as infelicidades de que não tinham podido libertar-se até ao presente. Eis que foi a redenção da Babilónia que os cristãos pretendem ser aquella que o Senhor prometeu ao seu povo. Eis a liberdade de que deve gosar perpetuamente sem perturbação, sem inquietação e sem estar submetido ás nações. Eu queria saber porque artificio, porque sofismas os Doutores que sustentam uma opinião tão pouco provavel, poderão

persuadir aos espiritos mais crédulos que as promessas de Deus se muitas vezes repetidas nesta redenção são cumpridas, ainda que não tenha uma das circunstancias necessárias para as tornar verosimil. Os autores que não podem desconvir desta verdade, procuram obscurecer por outros subterfugios tambem frivolos. Eles supõem três Jerusalens, três Siões e dois Israeis. Uma Jerusalem terrestre que é a que foi construida no regresso da Babilónia, uma Jerusalem militante que é a Igreja cristã e uma Jerusalem triunfante que é o ceu e a glória onde estão colocados os bemaventurados. Uma Sião ou Templo terrestre que é o que se construiu em Jerusalem, um Templo vivo que são os cristãos e um Templo celeste que é o Empireo e o Sião das almas gloriosas. Um Israel corporal que é a descendencia do Patriarca Abraão e a sua posteridade, um Israel espiritual composto de todas as nações do mundo e convertido à lei cristã. Tal é a base e o fundamento solido sobre qual os cristãos fundam a sua lei; é por estas admiraveis distincções que êles explicam os Profetas, e comentam com tanta confusão como improbabilidade todas as passagens da escritura santa. De qualquer maneira que os seus autores possam explicá-lo, pregam no com tanta audácia que a sua applicação seria incontestavel. O que não podem aplicar à Jerusalem terrestre é eutão adaptado à Jerusalem militante: importa-lhes pouco que a escritura fale em termos expressos da casa de Jacob e de Juda, querem que a lei à falta de razão persuada o que elês dizem; e usam da mesma maneira para convencer os espiritos crédulos ou que são completamente destituidos de conhecimentos, que o texto sagrado designa a Jerusalem triunfante quando não sabem que é a militante. Se é Israel que é chamado nas passagens que citam, é o espiritual; as nações que abraçaram a religião eristã e não a corporal, isto é a descendencia de Abraão ou os Judeus. Se o texto sagrado diz que Israel e Juda voltarão à terra que seus pais herdaram para a possuir eternamente, pretendem que esta teraa é a glória e que aqueles que conheceram o Messias são Israel e Juda. As guerras e a destruição de que fala o Profeta deve tomar se tambem metaforicamente. Deve acreditar-se para comprazer-lhes que é uma batalha dos impios contra os justos, do vicio contra a virtude; o Templo sagrado que o Senhor promete em Ezequiel, a descrição que o Profeta faz dos coros, praticos e compartimentos deste Templo são as diversas ordens de Padres, de monges e de religiosos, os Abades, os Bispos e os Cardiais que nós vemos hoje entre os Católicos: enfim para se distanciar de tudo o que prova evidentemente a promessa de Deus para persuadir que todas as Profecias são cumpridas, confundem o ceu com a terra, a terra com a glória, a cidade santa com o conjunto dos cristãos, Israel, Jacob e Juda com os pagãos, as desordens da guerra com a opposição espiritual dos vicios contra a virtude, o Templo completamente material que é com a salvação das almas ou com a religião que professam e etc. Fundam-se em todas estas explicações absurdas e ridiculas nas palavras de Sam Paulo que diz que a luta mata e que o Espirito vivifica, e concluem daí que não é preciso por consequência ligar-lhes o sentido literal da santa escritura, mas servir-se do sentido espiritual; mas todas estas vãs distincções podem mais passar por jogos de espirito de que por raciocinios capazes de provar a verdade dos seus sentimentos; nada é mais oposto ao bom senso que dizer que não é preciso ler nem entender o que está escrito, mas o que se quer que aquelas palavras signifiquem: o que deve certamente autorisar os Ateus que explicam a lei e os Profetas como querem para justificar as suas opi-

niões e sua liberdade de espirito. Com efeito não tem o mesmo direito que os outros cristãos para sustentar a sua doutrina? Confesso contudo que estes Doutores não podendo ser cristãos sem adoptar todas estas sofismas são de qualquer maneira desculpaveis, pois que põem todo o cuidado para sustentar um edificio tão mal estabelecido a-fim-de converter os Israelitas, ou antes de os subverter desviando-os do verdadeiro caminho da salvação.

O Profeta Ezequiel destruiu evidentemente tôdas estas opiniões quiméricas. O verdadeiro Israelita, diz êle, deve ser resgatado, a descendência natural de Abraão, de Isac e de Jacob e não a gentildade. Não diz que a terra onde voltarão seja a Igreja nem o Céu, mas esta mesma terra onde tinham habitado antes de serem prêsos, e na qual devem morar eternamente. O Senhor ordenou-lhe tomar dois postes, escrever o nome da Tribu de Juda e dos seus companheiros Levi e Benjamim, e no outro o nome de Iffrain filho de José e tôda a casa de Israel isto o resto das Tribus que estavam divididas em dois reinos desde da morte de Salomão: reuni, diz o Senhor, êstes dois postes e di-zei ao povo de Israel que no tempo da redenção êstes dois reinos serão unidos para não mais serem separados. Ordena-lhe em seguida fazer ver ao povo êstes dois postes e dizer-lhe, «assim diz o Senhor teu Deus, eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações onde estiverem eu reuni-los-ei de tôdas as partes eu reconduzi-los-ei ao seu país, eu não farei mais que um só povo nas suas terras e nas montanhas de Israel. Não haverá senão um Rei que os comandará a todos no futuro; êles nunca mais serão divididos em dois povos e em dois reinos. Habitarão na terra que dei ao meu servidor Jacob na qual os seus Pais habitaram; habitarão aí os seus filhos e os filhos de seus filhos eternamente, e as nações saberão que sou eu o Senhor e o sacrificador de Israel, enquanto o meu santuário se conservarã pare sempre entre êles». Os pagãos que abraçaram a lei crista entre êles podem acreditar que são êstes Israelitas de que fala o Profeta? As nações são sempre chamadas Juda e Ephraim?. Tem elas sido divididas em dois reinos? E' o verdadeiro Israel, a descendência Real de Abraão e não um Israel espiri-tual, inventado pelos autores cristãos para se salvar por uma explicação ridícula e pouco capaz de os desembaraçar das falsas opiniões que oustentam. Não há rasão nem bom senso em querer persuadir que esta terra de que fala o Profeta seja uma terra espiri-tual, em pretender que é a Igreja pois que assegura que Israel voltará á sua terra, áquela que êle tinha possuído noutro tempo no país de Canan que o Senhor deu a seus pais etc. As montanhas onde o povo devia juntar-se podem passar por espirituais?

A fabula não foi jamais levada tão longe de semelhantes metamorfoses, e ainda que não haja nada de impossivel a Deus, todo poderoso, êle ama tão fortemente o natural, que, mesmo nos mistérios da lei, tudo o que o não é se lhe aproxima muito. Não ha mais probabilidade em sustentar que é o cristianismo que o Senhor santificou, pois que se isto fosse verdadeiro, tôdas as nações teriam essa fé, mas sem contar os Judeus, os Mahometanos, os Baniaus, os Idolatras que compõem os três quartos do universo, não são dêsses sentimentos; dizem ao contrário que nada é mais afastado da verdade: é portanto por um conhecimento universal que se deve fazer a santificação de Israel. Ainda mais, se os cristãos pretendem ter gosado desta bem aventurada redenção, se estão convencidos que pela vinda do Messias que adoram, eatão cheios da graça de Deus e de todos os bens que os Profetas anunciam porque não a gosam tranquila-

mente? A circuncisão dos corações que deve produzir um verdadeiro amôr pelo seu Deus e uma beneficência universal para os seus semelhantes encontra-se ella entre os cristãos que blasfemam continuamente o seu santo nome, que estão inteiramente divididos sôbre a maneira como deve ser servido, que se despedaçam e se perseguem sem descanso com tanta animosidade uns aos outros que se põem a atormentar os Israelitas, que por os processos se esforçam em arrebatá-lo bem dos seus irmãos e não poupam mesmo a sua vida para adaptá-la, se os outros menos lhes faltam? As suas desordens nesta vida não permitem esperar nada bom para êles no futuro. (1)

Acredito que se os cristãos não querem entregar-se a razões tão convincentes, serão pelo menos obrigados a confessar, por pouco que queiram ser sinceros amigos mesmo, que as suas não são sufficientemente bem fundadas para nos persuadir. Com efeito é impossivel acreditar que Deus os resgatou no meio das nações, quando promete formalmente que este grande trabalho retirou o seu povo dentre as nações que voltarão depois de ser testemunhas da sua grandesa, e que admirarão nesta prodigiosa mudança a glória e a misericordia do Senhor.

(1) Qual é pois o efeito que êles experimentam da sua redenção?

Não vejo mais que sustentar os filhos de Israel numa dura escravidão e fazer-lhe sofrer mil males que verificam a promessa do Senhor na feliz mudança do seu estado presente para aquele que devem gosar no futuro.

O Robio de Castro

Judeu bragançano do século XVII

• • •

Dos 4 cantos da Terra

Estados Unidos—Com 71 anos faleceu em Chicago o grande filantropo judeu, Julio Rosenwald. Aberto o seu testamento viu-se que a sua fortuna era de 20 milhões de dolares, tendo deixado 11 milhões para obras de beneficencia e nove para os seus cinco filhos.

Alemanha—A Câmara dos deputados resolveu colocar no edificio a estátua de Guilherme Preuss, judeu, autor da Constituição da actual républica alemã, e que foi ministro do interior.

Estados Unidos—Na cidade de Chicago há 3.360 734 habitantes, dentre os quais 302.164 são judeus.

Visado pela Comissão de Censura

Yeoshua Benoliel

Obra do Resgate

No dia 3 de Fevereiro (à noite) chamou Deus Bendito á sua divina presença a alma *daquelle que se chamou Yeoshua Benoliel*, e que foi um bom amigo, esposo dedicado e pai extremoso e um membro da Congregação de Israel da qual era um elemento construtivo e dedicado. Reporter fotográfico do «Seculo» e activo jornalista, em todos os meios em que operou desde os paços reais até ás casas modestas, quer em Portugal, quer no estrangeiro, pela sua lhaneza e nobre proceder grangeou inumeras sympathias e amizades.

A acompanhar os seus restos mortais até ao cemiterio Israelita de Lisboa, á Calçada das Lages (Alto de S. João), foi uma multidão de israelitas e não israelitas, representando tudo que havis de mais distinto no meio jornalístico e social.

No Porto na Sinagoga Mekor Naïm (Fonte da Vida), no dia do funeral foi recitado um officio funebre em memoria *daquelle que com tanto interesse seguia a nossa Obra do Resgate*, tendo vindo expressamente de Lisboa, assistir ao lançamento da primeira pedra deste templo.

A terra cobriu o seu corpo, mas a sua saudosa memoria perdura em nós.

Deus o deu Deus o levou, bendito seja Deus.

• • •

DONATIVOS

Donativo p.^a a Yeshibah (Instituto Teológico)—Sua Eminencia o Rabbi-mór do rito Português dos Estados Unidos, Rev.^o Dr. D. de Sola Pool enviou-nos 205 dolares para o I. T. I. produto duma conferencia que fizera.

Para a Obra da Sinagoga

Donativo do Snr. Isac Yanowski, commemorando o 1.^o anniversário natalicio de seu filho Samuel—50\$00.

Macedo de Cavaleiros—Os judeus maranos desta vila elegeram uma junta judaica, composta dos seguintes senhores:

Presidente—Albano Saldanha.

Secretario—Manuel Rodrigues Praça.

Tesoureiro—Alberto Nunes.

Vogais—Anibal Afonso e Manuel Jeronimo.

Presidente da Assembleia geral—Carlos Campos.

Bragança—Faleceu em Novembro passado o cripto-judeu, Artur Mauricio Jorge Lima, digno contador judicial desta cidade.

Este cripto judeu havia frequentado a sinagoga de Bragança e recentemente levava seus filhos a visitar a sinagoga de Lisboa e a do Porto.

Porto—Faleceu no dia 3 de Março o cripto-judeu Abilio Pires Chumbo, antigo professor e funcionario municipal. Frequentou com o seu filho varias vezes a Sinagoga Mekor Haim em dias de solenidade. Era natural de Traz-os-Montes.

• • •

Rosh Ha-shanah
Lailanoth

Nesta comunidade realizou-se pela primeira vez a festividade do *Ano Novo da Arvore*, tendo os Talmidim (Seminaristas) plantado duas palmeiras. Foi iniciada por uma conferencia popular feita pelo digno Reitor do Instituto Teológico sobre *a Palmeira na história de Israel*. Houve cantos corais dos Talmidim, sob a direcção do Rev.^o Jacob Shebabo.

Milah—No dia 7 de Março foi recebido na Aliança de Abraham, o cripto-judeu Alfredo José de Castro, de 16 anos, natural de Lagoaça (Freixo de Espada á Cinta), recebeu o nome de Jacob.

Mishberakh (Fadas)—Foi fadada no dia

12 de Fevereiro, na Sinagoga Mekor Harin, a cripto-judia, Ex.^{ma} Sr.^a D. Guilhermina Lopes Mendes, de Vilarinho (Moncôrvo), amantíssima mãe do nosso joven correligionário Benjamin Lopes Mendes, estudante. A nossa correligionaria recebeu o nome de Raquel. Foi oficiante o Rev.^o Jacob Shebabo.

• • •

La Littérature Hébraïque Moderne

por A. Z. Aescoly, Phil. Dr. (Paris)

AVANT-PROPOS

(Continuação)

C'est pourquoi les livres de *Mapou* sont demeurés la Lecture préféré de la jeunesse.

Smolenskine est regardé comme le premier conteur nationaliste et moderne. Il l'est avant tout par son style. Il ose le premier fléchir un peu la langue et ne pas se tenir servilement à une phraselogie biblique qui donne un aspect de baroque à la littérature des *civilisateurs* et la rend intraduisible.

Aussi les problèmes qu'il soulève en font un précurseur du modernisme. Lui, le plus libre-penseur de tous les *civilisateurs*, souligne toujours positivement le fait de son judaïsme, sans cesser toutefois de lutter contre le conservatisme juif. Sans doute, Smolenskine qui révélait son Nationalisme également dans la publicistique, était le plus moderne de tous les *civilisateurs*, mais il ne l'est plus de notre temps. Ses romans sont, comme les romans russes de son époque des oeuvres d'aventure et d'intrigue, adaptées d'après le roman d'aventure français très en vogue en pays slaves durant le tiers moyen du XIX.^o siècle.

Le dernier grand écrivain que poussa encore dans le champ de la *Civilisation* fut Mèndélé—Mohèr—Sepharim, le nôme qui devint le père de la prose hébraïque moderne. Ses sujets et même la manière dont il les traite, rappellent encore trop les «civilisateurs». Mais au lieu de trouver des remèdes à tout prix, il se contente la plupart du temps, d'être le grand peintre de la mi-

sère matérielle et morale de son peuple, enfermé dans les limites du vaste ghetto qu'était la «zone juive» en Russie. Le sarcasme mêlé d'un profond sentiment de compassion, ne quitte jamais sa plume. Il est avant tout artiste descriptif et maître stylistique. Ses paysages et descriptions sont parmi les plus belles oeuvres littéraires et ne se laissent comparer avec aucune autre oeuvre de littérature européenne. Mèndélé contemple tout avec les yeux d'un juif du ghetto, é un libraire ambulante dont il emprunta le scriptonyme. Son style demeurant classique, fidèle aux traditions d'une si vieille langue, est en même temps souple et facile à modeler, comme une langue moderne la plus cultivée.

En Haim-Nahman Bialik le peuple trouva son grand poète, celui qui lui chante ses chansons d'amour, celui qui lui lance des paroles amères au visage, celui qui tour à tour le morigène et le cajole.

L'espoir et l'effroi se joignent dans sa poésie comme dans le coeur d'un amoureux et comme dans l'affolé peuple pour qui il chante. Il sait saisir le présent juif déséquilibré dans son nerf le plus sensible. Il a la voix de tonnerre du prophète lorsqu'il lance ses vérités les plus amères à la figure du peuple. Il a la vibration tendre de la voix d'un jeune dieu, quando il chuchote les belles chansons d'amour dans le coeur tendre et endurci de sons suples. Il a la haute culture des chanteurs nationaux lorsqu'il exploite les es tristes et enfantins motifs populaires, qui rajeunissent les vieillards et tirent des larmes aux femmes.

C'est lui qui devint le couronné poète national, le poète élu. On n'imagine plus la renaissance juive sans Bialik, son premier rossignol.

L'école publicistique moderne commence avec Ahad—ha—Am, ami maître choisi de Bialik.

Ahad—ha—Am était doué d'un esprit rare. Ses Essais traduits en langues européennes, conquièrent la reconnaissance des critiques et l'admiration des lecteurs. Cet esprit philosophique extraordinaire, s'est entièrement consacré aux intérêts de la Renaissance de son peuple. Dans les milieux des nationalistes il devient l'homme le plus admiré et le plus redouté. Ahad—ha—Am se tenait d'abord avec une certaine réserve à l'idéologie politique des Herzlis-

tes. Son idéologie propre visait à une *Renaissance intellectuelle et morale*. Il consacrait donc toute la vigueur de son esprit à l'idée de la formation d'un centre intellectuel en Palestine, qui devrait envoyer ses rayons sur les juifs de tous les pays et les préparer de cette façon à jouir de la liberté humaine et nationale. Avec l'extension du Sionisme, l'antagonisme entre Herzl et Ahad—ha—Am devient toujours plus aigu et presque inconciliable. Herzl était, malgré sa rêverie nationaliste, élevé sur les conceptions politiques et sociales de l'Europe de *fin-de-siècle Ahad-ha-Am*, par contre, était un Juif russe qui, malgré son doute rationalisme demeurait un grand romantique. Certes, toute la vie intellectuelle du judaïsme rené était sous le charme de sa personnalité. D'autre part tout prodans le domaine intellectuel, se trouva entamé par l'influence d' Ahad-ha-Am. Son idéologie était bien une révolution vis-à-vis des civilisateurs qui prenaient toujours la culture étrangère comme exemple à imiter. Ahad-ha-Am eut l'audace d'enseigner l'orgueil de la culture propre d'un peuple abattu et humilié. Mais il condamnait toute création libre, universelle, qu'il ne trouva pas conciliable avec la culture nationale de son conservatisme intellectuel.

Cet «Ahad-ha-Amisme», comme on l'appela, provoqua donc la naissance de toute une littérature polémique. Le premier qui entreprit la discussion avec Ahad-ha-Am, était un autre littérateur et publiciste de mérite qui s'était déjà fait un nom dans cette jeune littérature: Moïse-Loeb Lilisblum..

Mais la lutte qui fit époque dans cette littérature, fut la guerre que déclara à Ahad-ha-Am M.-J. Berditschovsky alias Bin-Gorion. Nous reviendrons encore sur celui-ci, esprit rare et du plus réel talent.

L'évolution des faits mit depuis longtemps fin à la discussion entre les Herzlistes et les Ahad-ha-Amistes. Ahad-ha-Am est resté l'homme le plus admiré du judaïsme nationaliste, bien que son programme d'action ferait à présent l'effet d'un chapitre de préhistoire.

Ahad-ha-Am était le grand initiateur et stimulateur de la culture hébraïque moderne. Son autorité, à laquelle les intellectuels se soumettaient, n'a jamais exercé une

grande influence dans la pratique. Si *Bialik* a été canonisé classique, il ne l'a été que comme poète nationaliste, dans l'esprit d'Ahad-ha-Am. Ceci n'est pas le cas de ses deux confrères qui le suivent dans la première triade de poètes hébraïques: Saul Tchernikhovsky et Zalman Schnéur. Ceux-ci sont tout à fait apolitiques. Le premier fut baptisé *Héliénistique* pour l'influence des Anciens qu'il a subie. Il a écrit des poésies lyriques d'une élégance classique et est particulièrement estimé pour ses idylles et ses poésies épique. Il est de même traducteur vigoureux d'Homère, des chansons d'Anacréon et de l'épos de Longfellow et l'auteur de petits contes écrits avec beaucoup d'esprit et d'esquisse littéraires. Il est à présent le directeur de la *Ha-Tecoufa*, grande revue trimestrielle.

Schnéur est un poète de la jeunesse et de l'amour. Il est un lyrique rare, d'un style aigu, original et surprenant. Il est en même temps bon conteur et chroniqueur; auteur d'un roman psychologique à la russe; très spirituel et sévère critique littéraire.

Bialik, *Tchernikgovsk* et *Schnéur* forment la première *triade* dans la poésie hébraïque moderne qui a un certain faible pour les triades d'auteurs. Après eux, viennent d'autres *triades*, composées des poètes tels que David *Schimanovitch*, Jacob Fichman, Isaac Katzenelson, Juda Karni, Jacob Steinberg et d'autres encore. C'est le lyrisme avant tout qui est en vigueur chez tous ces poètes, lyrisme à côté duquel l'idylle et le poème national occupent une belle place.

Chacun de ces poètes a apporté une nuance propre quelconque à la littérature, comme Fichmann et le beau lyrique Schimanovitch qui découvrirent la moderne idylle palestinienne. Pourtant le laurier de l'originalité a été réservé à la première triade. Comme la mode en est depuis un siècle, surtout dans les littératures relativement jeunes, il est rare qu'un poète hébraïque se contente d'une seule forme de littérature; poète, conteur et journaliste habitent souvent une seule personne. Ajoutons que la littérature hébraïque, non seulement la poésie, ne nourrit pas son homme.

Revenons à la prose et notons après Mendelé-Moher-Sopharim un conteur rare, Juda Steinberg, Steinberg était destiné à devenir un écrivain exceptionnel, s'il vivait dans

un autre milieu que la petite ville bessarabienne, où il enseigna l'hébreu aux enfants de sa race. C'est à eux qu'il consacra une bonne part de son talent de conteur. Il s'employait particulièrement à décrire la vie douce et intérieure des Hassidim, cette secte juive de pieux joyeux.

J'ai mentionné déjà Berditchevsky-Bin-Gorion à propos de sa lutte contre Ahad-ha-Am. Lui aussi était un esprit exceptionnel, mais cette fois dans la mesure universelle de ce mot, esprit très révolutionnaire, individualiste moral et pessimiste. Mais un de ces pessimistes qui portent dans leur for intérieur un amour ardent inavoué pour la vie pour les hommes.

Fils de rabbin du ghetto d'Ukraine, tal-mudiste très érudit, il devient en Allemagne un Nitzschéen des plus sincères. Il menait sa lutte contre *Aha-ha-Am* au nom de la vie et de la liberté, pour une culture de vie de l'individu qui ne se soumet jamais à une civilisation boanée par l'esprit d'une collectivité, nationale ou autre. Il fut le génial représentant de toute une génération.

Il était le même révolutionnaire dans les belles-lettres. Contre le style canonisé avec ses tendances de classicisme, il introduit un style baroque, extrême et excentrique puisé dans le réservoir de toutes les époques de l'hébreu. Aussi ses sujets sont-ils des sujets de la vie intime avec ses lumières et ses ombres, contre les idylles romanesques auxquelles était consacrée toute la prose hébraïque. S'il fut un Sionisme, — qu'il soit intégral; si la littérature doit reproduire la vie, que la copie en soit vraie, même que cruelle. Sa propre lutte intérieure, sa soif d'une vie libre à tous les égards y est souvent exprimée. Il écrit des contes philosophiques et psychologiques de la vie des Hassidim et de la vie moderne, des esquisses brèves et des romans. A cinquante ans il se forgea un nouveau style fascinateur dans ses romans brefs, commandé par le sentiment de l'approche du crépuscule de sa vie.

De même que dans la publicistique il dans la critique littéraire tranchant, sévère et sans indulgence. On le disait un *Chestov* hébraïque, et non pas tout à fait à tort. Il va sans dire que Berditchevsky ne jouissait ni de beaucoup d'amitiés ni de reconnaissance dans les milieux littéraires hébraïques. Sa polémique contre Ahad-ha-Am terminée

il restait durant toute sa vie austère qu'il consommait en misère, en dehors de la vie sociale mouvementée autour de lui, vivant en ermite à Berlin. Son Ecclésiastisme littéraire trouve encore une issue dans la codification des légendes juives qu'il traitait de la même façon que toutes ses œuvres: avec un esprit indépendant, celui de l'individu révolté. Une partie de ces légendes, de même que quelques autres œuvres de sa plume ont été publiées en allemand. Au groupe des *jeunes* et révoltés appartenaient encore d'autres hommes de lettres. Le plus étincillant parmi ceux-ci était *Joseph-Haim Brenner* écrivain d'un goût dostoïevskien et peintre de la misère, de la vie du ghetto et de la tragédie humaine. Brenner est l'initiateur d'une littérature hébraïque moderne en Palestine, où, il a été assassiné par des Arabes le 1.er mai 1921. Etant professeur au Lycée de Jaffa et maître autoritaire des milieux littéraires et des Eléments progressistes, il s'était consacré avec les *Haloutsim* au simple travail noir sur les chaussées.

A la même école et plus individualiste et pessimiste que les autres appartenait Uri-Nissan Gnessine, mort à l'âge de trente ans. En lui s'était révélé peut-être l'esprit le plus original de la littérature hébraïque moderne, un de ces hommes qui *portent toute leur vie le fardeau du supplice pour des péchés commis avant leur naissance*, comme disait Strindberg.

Un autre homme de ce groupe, maintenant conservateur dégénéré, fut Hillel Zeitlin, dans le temps bel esprit mystique.

A la même école s'attache encore un excellent conteur, G. Schofmann, dont l'œuvre se trouve depuis des années sous l'influence directe du curieux viennois Pete Altenberg.

Au cours du développement de la prose moderne il y en avait d'autres conteurs plus ou moins originaux, tels Bershadsky, romancier du talent, Kaback, autre romancier qui au début de sa carrière littéraire, dans ses nouvelles, promettait beaucoup, puis se perdait dans le sable, S. Ben-Sion, écrivain de mérite etc. . . , mais ils sont tous d'un talent limité, la plupart du temps trop influencés par les littératures étrangères. Ils apportèrent néanmoins chacun sa part à la construction d'une nouvelle littérature.

(Continna).